



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LITERATURAS MODERNAS

Fernando Marta

**ENCONTRO DE CULTURAS NO AÇORIANO ORIENTAL
ENTRE 1933 e 1974**

Dissertação de Mestrado realizada no âmbito do
CURSO DE 2.º CICLO EM TRADUÇÃO E ASSESSORIA LINGUÍSTICA
na área científica de **ESTUDOS DE TRADUÇÃO**

Ponta Delgada

2014



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LITERATURAS MODERNAS

Fernando Marta

**ENCONTRO DE CULTURAS NO AÇORIANO ORIENTAL
ENTRE 1933 e 1974**

Dissertação apresentada à **UNIVERSIDADE DOS AÇORES**
para a obtenção do grau de Mestre em Tradução e Assessoria Linguística,
realizada no âmbito do
CURSO DE 2.º CICLO EM TRADUÇÃO E ASSESSORIA LINGUÍSTICA
na área científica de **ESTUDOS DE TRADUÇÃO**
sob a orientação da Prof.^a Doutora Leonor Sampaio da Silva

Ponta Delgada

2014

AGRADECIMENTOS

A todas e todos os que, em algum momento ou espaço, contribuíram para esta realização com ideias, críticas e apontamentos que permitiram melhorar este projeto de investigação.

De todos, devo relembrar e sublinhar o apoio da Anabela em todos os momentos, em particular naqueles em que me substituiu nas tarefas domésticas.

Também um agradecimento muito especial à Diretora do Curso de Mestrado em Tradução e Assessoria Linguística e minha Orientadora, a Professora Doutora Leonor Sampaio. Pela sua paciência e frontalidade, disponibilidade de contribuir e apoio incondicional e sempre sem limite de tempo, foi possível melhorar este trabalho a cada passo da sua construção, tornando-o naquilo que agora se apresenta.

Ainda um agradecimento à Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, ao Departamento de Línguas e Literaturas Modernas e à própria Universidade dos Açores.

RESUMO

A dissertação aqui apresentada pretende dar a conhecer o resultado da investigação desenvolvida no âmbito do Mestrado em Tradução e Assessoria Linguística. Integrado na área científica dos Estudos de Tradução, o trabalho baseia-se na «viragem cultural» que caracteriza o campo nos finais do século XX. Para o efeito, procurou-se no semanário micaelense *Açoriano Oriental* aquilo que a sociedade açoriana da época absorvia em termos externos, quer sob a forma de traduções quer dos ecos do que se passava no estrangeiro. A análise, estruturada em três capítulos, dá conta das principais referências encontradas no semanário durante o período do Estado Novo (1933-1974) e procura interpretar as ocorrências de modo a expressar a dimensão cultural das abordagens ao fenómeno translatório através da visão interligada dos grandes acontecimentos políticos mundiais (contexto histórico) com as leituras propostas pelo jornal (produção e receção de textos) e as prioridades culturais da sociedade portuguesa da época.

Palavras-chave: Estudos de Tradução; cultura; imprensa; estrangeiro; Estado Novo.

ABSTRACT

The present work is the result of the research leading to the master's dissertation in Translation and Linguistic Consultancy. The study is rooted in the “cultural turn” that characterized Translation Studies by the late 20th century. A thorough reading of the Azorean newspaper *Açoriano Oriental*, during the period known as «Estado Novo» (1933-1974), was made in order to apprehend what Azorean society absorbed from the outside world, both via Portuguese translations of foreign authors and the news content of foreign occurrences. The analysis, structured in three chapters, presents the main references and seeks to interpret them in order to show the cultural framework enabling an intertwined perception of the main events abroad (historical context), the newspaper contents (textual production and reception) and Portuguese cultural hallmarks at that time.

Keywords: Translation Studies; culture; press; foreign countries; *Estado Novo* dictatorship.

ÍNDICE

Agradecimentos.....	3
Resumo.....	4
Introdução.....	6
Capítulo I – O medo da diferença.....	14
1. Textos e Contextos.....	14
2. Números e Interpretações.....	36
Capítulo II – A cultura pela imagem.....	41
1. Textos e Contextos.....	41
2. Números e Interpretações.....	93
Capítulo III – A caminho do inevitável.....	100
1. Textos e Contextos.....	100
2. Números e Interpretações.....	126
Conclusão.....	135
Bibliografia.....	139

INTRODUÇÃO

O presente trabalho situa-se no âmbito dos Estudos de Tradução e procura fazer uma análise às edições que o jornal semanário micalense *Açoriano Oriental* publicou durante o tempo em que vigorou em Portugal um regime que se designou de Estado Novo configurando uma ditadura pelas características habituais neste tipo de regime.

Assim, o *corpus* desta investigação é o próprio *Açoriano Oriental*, designadamente todas as referências que são feitas a culturas e povos estrangeiros, ou às relações entre Portugal e o resto do mundo, compreendidas no período que vai de 1933 até abril de 1974. A escolha deste jornal deve-se, em particular, ao facto histórico de ser o mais antigo de Portugal, e aquele que, ao longo do tempo, tem mantido uma tiragem¹ regular e elevada no âmbito do panorama regional. A preferência pelo período cronológico compreendido entre 1933 e 1974 combina ordens de razão política, nomeadamente o período de um governo autoritário, conservador e nacionalista, que desembocam em questões sociais e culturais.

Ou seja, a escolha deste período revestiu-se de uma suplementar importância pela necessidade de se conhecerem as publicações que, tendo como origem o exterior, ou sendo exteriores se referiam aos Açores, e por essa razão mereceram, ou não, lugar de destaque nas páginas analisadas. Com este propósito, a análise feita teve em conta citações de autores forasteiros, artigos de opinião com referência a autores não nacionais, publicações estrangeiras – de textos ou notícias – com referência aos Açores, a Portugal ou aos seus dirigentes políticos, traduções, agradecimentos e cartas publicadas, curtas referências cinematográficas ou máximas moralizantes, entre outras publicações.

Este tema enquadra-se na área científica dos Estudos de Tradução, situando-se em particular no âmbito da chamada «viragem cultural» dos Estudos de Tradução. Primeiramente vistos como uma área anexa à Literatura ou à Linguística, os Estudos de Tradução têm vindo a assumir-se como capazes de contornar esta ideia, revelando um novo quadro teórico assente na crítica literária, nos estudos culturais e na própria filosofia, levando a que começasse a ser criada uma consciencialização prática do carácter socio-histórico e político-ideológico de todo o procedimento translatório.

¹Cerca de 5000 diários, segundo dados da Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (dados de 2010).

Para esta causa muito contribuíram estudiosos como Itamar Even-Zohar, com a sua teoria dos Polissistemas, Theo Hermans considerando o ato de traduzir como uma atividade de manipulação, ou André Lefevere, que concretizando os trabalhos de Hermans avançou a utilização de uma terminologia relacionada com a manipulação em que assentava o processo de tradução.

Do mesmo modo, Lawrence Venuti teoriza acerca do papel da tradução e da sua relação entre o texto fonte e a criação traduzida para língua de chegada. Evidentemente que o papel da língua e da cultura estão indelevelmente interligados, e são, pela sua essência, fatores preponderantes que transmitem à tradução uma importância intelectual revalorizada e, por esse efeito, igualmente complexa e desafiante. Esta importância revalorizada assenta, também ela, no facto de a tradução funcionar como um processo intimamente ligado a fatores culturais, a um compromisso ético, cívico e político de estudar o espaço em que estamos inseridos, para que nos seja possível intervir nele mais eficazmente, construindo com isso um conhecimento com maior relevância social, segundo as considerações de Álvaro Pina (2003).

Desde a sua entrada nos meio académicos, os Estudos Culturais têm vindo a aproximar as ciências sociais e humanas, e criando um novo paradigma à volta da cultura como um conceito mais lato e de abrangência geral (Hall, 1997). Do geral para o particular, foi com naturalidade que questões relacionadas com a identidade das sociedades, o ascendente exercício do poder e as representações e convenções sociais passaram igualmente a fazer parte da área de estudo dos Estudos Culturais. E abarcando diferentes temáticas dentro das práticas culturais mais diversas e difusas no âmbito das dimensões sociais, políticas e humanas, os Estudos Culturais tornaram-se um campo de investigação multidisciplinar de referência.

É neste contexto que, tal como os Estudos Culturais estenderam a sua influência às análises que viriam a ser enquadradas numa valorização das minorias, valorização essa desenvolvida pelos estudos pós-coloniais, feministas e étnicos, entre outros, também vieram a condicionar uma nova forma de encarar a tradução. Susan Bassnett refere-se a esta mudança de perspetiva como «The Translation Turn in Cultural Studies».² A mencionada «viragem cultural» representa um olhar que agora é dirigido aos processos textuais de tradução, e a fatores extratextuais, incluindo indicadores

²BASSNETT, Susan, LEFEVERE, André, 1998: 123-139.

culturais relacionados com a seleção de textos a traduzir, o papel do tradutor na seleção e a receção das versões traduzidas na cultura de chegada.

A ligação dos Estudos de Tradução com os Estudos Culturais é facilmente compreendida. Ambos ocupam um espaço comum, privilegiando abordagens interdisciplinares,³ criticando a distinção entre cultura erudita e popular,⁴ desafiando as fronteiras do cânone literário,⁵ e procurando conferir centralidade a figuras periféricas (no caso dos ET, o tradutor). Em ambos, a questão do poder assume um lugar central. Como referem Maria Irene Ramalho e António Sousa Ribeiro, na esteira de Tony Bennett, «o que é determinante para a delimitação do conceito de estudos culturais» é o facto de as análises das práticas culturais serem desenvolvidas «do ponto de vista da sua imbricação com as relações de poder»⁶ o que constitui por si só um objetivo político.

No seu carácter multidisciplinar, os Estudos Culturais investigam, como foi já referido, as práticas históricas, socioculturais e políticas dos indivíduos de um determinado tempo e espaço, as quais são sempre estabelecidas por relações de poder mais ou menos consentidas pelos que nelas intervêm, as quais permitem estabelecer laços e posições contrárias ou favoráveis aos detentores de poder. Os órgãos de comunicação social, em particular a partir de meados do século XX, passam a funcionar como um espelho representativo das práticas que a maioria dos elementos de uma sociedade assume como suas, levando outros que não a maioria⁷ à criação de uma identidade abonatória ou contrária ao poder, funcionando ora como reflexo da estruturação da identidade maioritária, ora como contrapoder dessa mesma identidade, favorecendo, no fundo, a criação de escolhas identitárias mais conscientes. A este respeito, Foucault (2006) refere que o poder intervém através de micro-operações relacionadas entre si que se encontram ao nível da comunicação, da linguagem e dos discursos.

Não é por acaso que os órgãos de comunicação social deixam de ser vistos como meros depositários informativos, para passarem a ser entendidos como a «consciência» da sociedade, como um espaço de circulação de convenções sociais e culturais que ajudam a representar um determinado contexto social. Assim, é de todo relevante que

³Idem, pág. 125.

⁴Idem, pág. 126.

⁵Idem, ibidem.

⁶RIBEIRO, A.S., RAMALHO, M.I., «Dos estudos literários aos estudos culturais?», Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 52-53. Novembro de 1998-Fevereiro de 1999, pág.69.

⁷Ou pelo menos uma maioria não totalmente alinhada com as relações de poder existentes.

análises culturais tendam a, como refere White (1998), «compreender o significado de um texto no que se refere aos contextos sociocultural e histórico».

A presente dissertação apoia-se nestas reflexões para estudar as interações da tradução com a cultura regional e nacional no período do Estado Novo. Se como vimos antes, os Estudos Culturais centram as suas análises no poder, os Estudos de Tradução também seguem este caminho. Susan Bassnett é clara ao afirmar que «a tradução tem que ver com autoridade e poder»⁸ e que este conhecimento resulta de se saber «o que é traduzido, quando, por quem e para quem, como é recebido e qual o seu estatuto na cultura de chegada».⁹

O trabalho que agora se apresenta teve esta finalidade: conhecer qual a expressão do estrangeiro no arquipélago e qual a expressão dos Açores e do país no estrangeiro que o jornal dava a conhecer aos seus leitores; que textos eram traduzidos e como, que notícias e figuras internacionais chegavam às ilhas, quem traduzia e que sinais havia da importância do conhecimento de outras culturas nas páginas do semanário. Procurar-se-á comparar o número de traduções com outro tipo de referências ao exterior e interpretar números e tendências à luz do contexto histórico da época.

Como é do conhecimento geral, o século XX foi um tempo de enormes transformações políticas, sociais e económicas. Este século foi, ainda, uma amostra das rivalidades entre homens e países na busca de mais riqueza, mais terra e mais poder e assistiu ao aprofundar de contradições vindas do passado, levando Eric Hobsbawm a chamá-lo a «Era dos Extremos: breve século XX: 1914-1991».¹⁰

Foi um século fratricida que dividiu o mundo em potências consoante os ganhos e perdas a registar de cada um dos lados. Com isto, o tecido social passou por enormes transformações que apenas o tempo soube enquadrar, muitas das quais continuamos, hoje, a sentir e a observar, como as recentes convulsões na região da Crimeia, parte integrante da antiga URSS entregue¹¹ à Ucrânia por Krushev durante o seu mandato à frente dos destinos da primeira nação socialista da história.

⁸BASSNETT, S. «Da literatura comparada aos estudos de tradução» (tradução de João Ferreira Duarte), *Floresta Encantada. Novos caminhos da literatura comparada* (organização de Helena Buescu, João Ferreira Duarte, Manuel Gusmão), Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, pág. 309.

⁹Idem, *ibidem*.

¹⁰A obra remete para o período entre 1914 e 1991 (entre a 1.ª Guerra Mundial e a implosão da URSS).

¹¹Foi uma entrega simbólica como forma de comemorar a integração da Ucrânia naquele que foi o Império Soviético. Como temos visto com os últimos desenvolvimentos naquela zona do mundo, as questões históricas nacionalistas, étnicas e de pertença ainda não estão totalmente sanadas.

Mas este século não teve, por si só, aspetos menos positivos. De facto, foi igualmente palco de grandes avanços tecnológicos, de conquistas civilizacionais e da exploração do espaço,¹² cujo alcance ainda hoje sentimos, atitudes de progresso por parte dos governantes que se substituíam ou eram substituídos à medida que os acontecimentos os ultrapassavam,¹³ levando e trazendo com eles as suas ideias e as suas prioridades ideológicas, como foi o caso da ascensão e queda do comunismo bem explicada por Archie Brown na sua obra com o mesmo nome.

O ano de 1933 – o primeiro ano analisado – foi marcante a vários níveis. Por um lado, em termos nacionais, é aprovada a Constituição Portuguesa (a 19 de março) por iniciativa dos governantes do Estado Novo dos quais fazia parte António de Oliveira Salazar, com a pasta das Finanças; o mesmo que a partir desta data passa a presidente do Conselho de Ministros e que como tal se manterá durante trinta e cinco anos. Por este facto, a partir desta data os condicionalismos que se sentirão no país serão ainda maiores e perpassarão todas as áreas da vida pública e privada, muito por culpa da censura que o regime passou a fazer a todos os documentos e publicações que entravam ou saíam do país. Essa censura condicionará de sobremaneira a publicação de notícias em jornais e revistas, o registo opinativo que leitores e colaboradores faziam nas páginas da imprensa escrita, a edição de livros e outras obras, a tradução de documentos, livros e a simples transcrição de notícias cuja origem não era controlada pelo regime. A investigação feita nas páginas desta dissertação teve precisamente como *corpus* esta matéria.

A quantidade de informação analisada teve por base uma abordagem primeiramente empírica e posteriormente analítica e possibilitou chegar aos resultados apontados na segunda parte presente em cada capítulo. Empírica, porque é facilmente aceite a ideia de que em regimes mais fechados e avessos ao exterior a fluidez da informação é muito diminuta, sendo que a que é alvo de publicação é minuciosamente trabalhada antes de ser dada à estampa e ficar à disposição dos leitores por forma a ser assimilada e interpretada. Analítica, porque as considerações a que se chegou pela análise às publicações do AO revelam uma permanente preocupação em manter as

¹²Factos que não passaram despercebidos no semanário *Açoriano Oriental*, não obstante a tendência a alguma parcialidade cuja causa será abordada nos capítulos subsequentes a esta introdução.

¹³O papel da imprensa escrita teve aqui um papel fundamental, como bem retratam as referências à sua importância em muitas das citações e notícias presentes nas páginas investigadas.

ideias do regime acessíveis a todos pela sua disseminação nos órgãos de comunicação social, nomeadamente no semanário em causa.

Não obstante as diferenças de publicações e sua justificação nas páginas que se seguem, a tentativa de abordar sempre as notícias de determinado ângulo, de interpretar as citações encontradas segundo uma certa perspetiva, de que é fundamental colocar ênfase nos contextos próprios de cada película cinematográfica ou de determinado texto traduzido, são preocupações cuja pertinência para a elaboração desta dissertação não foram escamoteadas. No caso específico das traduções, a escassez deste tipo de textos, em particular com a devida menção ao tradutor,¹⁴ é também uma forma concreta de exercício do poder pelo regime, que assim mantinha afastadas dos órgãos de disseminação noticiosa quaisquer possibilidades de contágio revolucionário sempre rejeitado, nem que fosse pelo desconhecimento do conteúdo das publicações. No fundo, para evitar qualquer circunstância dissidente, que começaria pela negação da cultura e identidade nacionais, conduzindo posteriormente à abertura a outras culturas, outras identidades e outras ideologias, a inexistência ou parca presença de textos traduzidos permitia estancar na origem tal ameaça.

Os jornais, evidentemente, passaram a ser ainda mais escrutinados. No caso em estudo, o jornal *Açoriano Oriental*¹⁵ não terá divergido da tendência geral. À época semanário (desde a sua fundação até 1979), este jornal regional fundado por Manuel António de Vasconcelos foi o espelho das movimentações da época, fossem elas nacionais ou internacionais. E, à imagem da generalidade da imprensa, acompanhou as ideologias, as guerras e a busca de ideais de cada época.

Olhando o desenrolar da história com a distância de todos estes anos, não será pouco afirmar que o jornal micalense cumpriu o seu papel. Absorvendo as necessidades dos seus leitores, e fazendo um registo condizente à situação política em que se inseria, o AO permitiu aos que o leram saber das contingências do mundo, das transformações ideológicas dos povos e das alterações territoriais a nível global, mas não se ficou por aí. Nos três capítulos que compõem esta dissertação, o matutino assumiu o papel de moralista que lhe cabia enquanto órgão de comunicação social inserido numa determinada dinâmica, através da enunciação de frases feitas, citações de

¹⁴Ou a sua publicação na língua de origem e na língua de chegada.

¹⁵O jornal mais antigo de Portugal, fundado em 1835 por José Maria da Câmara Vasconcelos, seu primeiro editor, redator e jornalista.

autoridades universais,¹⁶ disseminador de cultura, para além da necessidade de manter viva uma certa chama informativa quando as próprias notícias escasseavam, pela falta de meios e de acesso à informação que se fazia sentir à época. O jornal funcionou, mesmo que de forma impercetível para si e para os leitores, como moldador de consciências e amparo de dúvidas e inseguranças várias, a começar pelas ideológicas.

Sendo este um trabalho de investigação centrado nos Estudos de Tradução na ótica exposta por Susan Bassnett, isto é, entendidos na sua vinculação aos Estudos Culturais, as ocorrências encontradas a este respeito ocuparam boa parte das interpretações e das próprias pesquisas expositivas, assumindo-se como o *corpus* por excelência de um trabalho que não acaba nesta compilação e análise de informação relevante. No fundo, esta «informação relevante» foi igualmente o espelho da sociedade de então e dos seus códigos, intrinsecamente ligados ao seu regime político, à sua cultura, às suas tradições e ao seu, por que não dizê-lo, conservadorismo. Como sustenta António Sousa Ribeiro¹⁷ «a tradução tornou-se uma palavra-chave da nossa contemporaneidade» reforçando que «toda a situação em que se procura fazer sentido a partir de um relacionamento com a diferença pode ser descrita como uma situação translatória», o que fica bem visível pela forma regular como o regime sempre renegou a utilização de códigos linguísticos estrangeiros, ou procedendo à sua tradução, o fez adaptando as ideias originais à sua propaganda e menosprezando o papel do tradutor com a sua exclusão quase sistemática enquanto interveniente no processo de tradução.

A este respeito, o autor refere ainda que «o conceito de tradução aponta para a forma como não apenas línguas diferentes, mas também culturas diferentes e diferentes contextos e práticas políticas e sociais podem ser postos em contato para que se tornem mutuamente inteligíveis». Analisar o comportamento da sociedade portuguesa na sua relação com outras culturas a partir dos ecos do estrangeiro e da presença de textos traduzidos no mais antigo jornal português foi, por conseguinte, uma ambição perfeitamente enquadrável no campo dos Estudos de Tradução.

A informação analisada durante o período em estudo (1933-1974) foi, muitas vezes, vista do ponto de vista do investigador e não do leitor, pelo que algumas correções tiveram lugar para que se adaptasse o texto aos nossos dias. Estas correções foram feitas, primeiramente, através da correção de erros de sintaxe, de concordância e,

¹⁶E algumas também morais, como membros do clero.

¹⁷RIBEIRO, A.S., «A Tradução como Metáfora da Contemporaneidade», Pós-Colonialismo, Fronteiras e Identidades, Eurozine. Julho de 2005, pág. 2.

em vários casos, de ortografia. Este último caso deu-se, em particular, nos nomes dos autores e escritores citados ou tidos como responsáveis pelos textos publicados. Por vezes, verifica-se a simples (mas incorreta) troca de uma letra, vogal ou consoante, no seu apelido ou nome próprio, o que se entende pela escassez de corretores automáticos (não os havia, simplesmente), pelas condições de trabalho (imagina-se a falta de luminosidade na redação e no local de edição), e até pela formação dos jornalistas que não contemplaria a correção gramatical das palavras. Se ainda hoje os erros acontecem com demasiada frequência, há algumas décadas atrás eles seriam simplesmente comuns.

Outra linha de coerência presente nesta investigação foi a adoção do Acordo Ortográfico de 1990 em todo o texto, nomeadamente na transcrição de citações, excertos de notícias e informações várias, na reprodução de textos literários e poéticos, bem como na análise a fragmentos das poucas traduções encontradas. Correndo o risco de o texto reproduzido dentro do limite temporal estabelecido – 1933 a 1974 – poder parecer, a espaços, algo desligado da realidade daquele tempo, ou desconexo no que às ações que nele tiver lugar diz respeito, a coesão textual ficou a ganhar pela manutenção em toda a dissertação de uma certa congruência escrita que permitirá ao leitor desta dissertação interpretá-la à luz do tempo presente, com o mesmo distanciamento que permitiu a sua realização.

Em suma, poder-se-á ter perdido algo do espírito textual do passado, mas os ganhos ao nível da concordância e da harmonia do conjunto entre as várias fases da dissertação foram claramente superiores, conseguindo-se um documento mais uniforme, homogéneo e coeso.

Quanto à sua estrutura, a presente dissertação está organizada em três capítulos, cada um deles dividido em duas partes (uma de apresentação de textos e a outra de análise) e dedicado a um determinado período político. As análises obedeceram a uma sequência cronológica que se repercute na estrutura dos capítulos. Assim, foram criados três núcleos históricos: o primeiro, de 1933 a 1944, representa os primeiros anos da chegada ao poder de Salazar até ao fim da Segunda Guerra Mundial; o segundo abrange os anos de 1945 a 1961 e cobre o pós-guerra até ao início dos conflitos que levaram à Guerra do Ultramar; finalmente, o terceiro capítulo, iniciando-se em 1962 segue as publicações do AO durante a guerra nas ex-colónias até à queda do regime, em abril de 1974